



Cosmoverse Arkestra

de Transälien (2020)

por Clarissa Reche¹



Imagem 1: Frame do filme *Cosmoverse Arkestra*.

De uns tempos para cá consigo saber exatamente quando um filme que assisti me afetou de forma irremediável: eu sonho com ele. A primeira vez que aconteceu isso foi com *Solaris* de Tarkovsky, a última foi com *Cosmoverse Arkestra* de Transälien. No sonho, eu encontrava Ana Giselle em seu quarto,

¹ Clarissa Reche é doutoranda em Ciências Sociais (IFCH-UNICAMP) e desenvolve pesquisa sobre menstruação e produção de conhecimento. No mestrado em Culturas e Identidades Brasileiras (IEB-USP) pesquisou equipamentos *open source* para ciência junto com um grupo de biohackers. Bacharel em Design Industrial (Mackenzie - ProUni) e Ciências Sociais (FFLCH-USP), Técnica em Museu (CPS-SP). Se interessa pelas interfaces entre corpo, biologia, tecnologia, cognição, aprendizagem e memória, dialogando com críticas feministas e anticapitalistas.

como se tivesse sido sugada para dentro das cenas finais do filme. Me sentia extremamente acolhida e agradecida. Dizia a ela que sim, eu queria viver naquele mundo, aquele mundo que ela gentilmente me convidou através do filme. No momento seguinte o quarto todo se derretia e se transformava em uma selva-festa e todas estávamos *montadas*.

Não consigo me lembrar quando foi a primeira vez que vi Ana Giselle, mas consigo resgatar um antes e um depois de sua presença. A partir do meu ponto de vista, sua vinda foi repentina e arrebatadora como a luz de um raio que chega antes do som e que permanece reverberando em barulhos e cores. E a reverberação foi bem palpável. A partir de sua irreversível chegada, corpos trans e travestis começaram a ocupar as festas independentes de música eletrônica em que trabalhamos juntas. Isso graças à política de gratuidade “transfree”, proposta por Ana Giselle para que estes espaços pudessem acolher de fato a diversidade, que existia apenas em discurso. Por algumas madrugadas pudemos trabalhar lado a lado, dividindo palavras bem guardadas pela noite, e pude ouvir sobre a (r)existência corpórea de Transälien nesse mundo, o que sempre foi para mim um grande presente. Agora o filme *Cosmoverse Arkestra* nos convida a conhecer mais sobre esta cosmopolítica.

Acompanhamos a dança solitária do corpo de Transälien, que inicialmente irrompe a tela como se fosse parida repentinamente na realidade terrena, tomada de angústia e incômodo. E, também, é repentina a aceitação desta morte-renascimento: é uma puxada de ar, uma inspiração brusca, que nos leva a um outro estado de coisas. Agora, tudo se desmonta em ruídos, cores, bichos, movimentos cósmicos que colapsam o tempo-espço. Logo depois desse vislumbre de vida complexa que se expande e se contrai para além da experiência humana, o corpo se re-monta em uma respiração cadenciada, relaxada e profunda. A máscara torna-se instrumento de ativação cósmica de transformação no mundo e somos lembrados de nossa própria existência – e como isso já é muita coisa.

Cosmoverse Arkestra é um filme independente financiado pelo Programa Convida do Instituto Moreira Sales². Realizado de forma autônoma e autoral, nos apresenta uma apaixonante e, portanto, desconcertante porosidade entre ficção científica e documentário. A potência deste tipo de narrativa audiovisual vem sendo experimentada em filmes independentes contemporâneos, sendo o longa *Branco Sai, Preto Fica* de Adirley de Souza um exemplo paradigmático. Ana Giselle dá algumas pistas que nos ajudam a pensar sobre o porquê desta tendência ao afirmar que sua própria existência é uma ficção científica. Quando cavamos possibilidades de criação, realização e circulação de filmes independentes, a emergência de outras histórias vibra como potência.

Essas outras histórias são relatos de outros mundos, outros modos de vida que coexistem na Babilônia, mas que são sistematicamente sufocados e geograficamente apartados. Através da coreografia

² Lançado em abril de 2020 como resposta aos danos causados na produção das artes pela pandemia, conta com a participação de 172 artistas. Para mais informações, ver: <https://ims.com.br/convida/>.

violenta da cidade são criadas bolhas de realidades, onde uma pessoa de classe alta ou média pode acreditar que sua vivência é hegemônica, uma vez que a dureza que vem de fora sempre é acolchoada, filtrada por vidros blindados, vidros anti-ruídos e vidros-tela que, como espelhos, reproduzem seus modos de vida nas novelas, programas policiais, séries de *streaming* por assinatura. Para corpos marcados, no entanto, a ilusão de hegemonia da própria experiência é impossível.

Como diz Franz Fanon, não é possível uma complementaridade entre as diferentes zonas de uma cidade, sempre um dos termos está a mais: a cidade colonizada, a cidade indígena, a cidade afro, a cidade trans é um lugar de má fama, povoada por pessoas de má fama. É deste lugar que a realidade se torna, por si só, uma espécie de ficção científica capaz de causar estranhamento quando o que é vivido não cabe dentro da má fama e rompe com estereótipos e controles corporais impostos aos seus habitantes. Desta forma, filmes como *Cosmoverse Arkestra* se sustentam na ambiguidade da fronteira entre ficção científica e documentário sem a menor necessidade de construirmos pontes entre estes dois gêneros, muito menos obrigar-nos a optar por um ou por outro.

Cosmoverse Arkestra é um filme que compõe a organicidade de um corpo ciborgue, cuja visão ampliada do que é e do que pode ser a vida nos incita a, junto com Transälien, habitar zonas devastadas da experiência. Oferecemos a seguir a transcrição da entrevista realizada com Ana Giselle em janeiro de 2020, através de mensagens de áudio e revisadas pela entrevistadora e entrevistada.

Corpa híbrida transitando entre a monstruosidade, a utopia e o mistério, a pernambucana TRANSÄLIEN é multiartista visual, curadora, produtora cultural, corpo-espetáculo, DJ, idealizadora da Coletividade MARSHA! e articuladora pelos direitos das pessoas trans e travestis no Brasil.

Clarissa: Como foi o processo de criação e produção do filme? Se puder falar um pouco de como surgiram as ideias, como se deram as filmagens e sobre a parceria com Saskia³...

Transälien: A ideia surgiu através de uma provocação da própria Saskia, que foi o veículo crucial para dar corpo ao projeto, desde a idealização, produção, até o resultado final. O “roteiro” surge a partir da narrativa de registrar sensações do meu cotidiano e como lido com o meu “interior”, meu “universo”, em relação ao exterior. Me soou pertinente retratar essa perspectiva de “dentro e fora”, algo que me atravessa desde sempre, neste contexto de pandemia e quarentena.

³ Compositora, cantora e artista multipotente. No áudio e no visual, dialoga com várias camadas da arte. No áudio: toca, produz, canta, compõe. No visual: dirige, roteiriza, filma, performa, fotografa, desenha. Apresenta composições e *beats* autorais, com referências de diferentes gêneros sonoros, mistura que forma o que podemos chamar de música ácida. Para mais informações, ver: <https://linktr.ee/salnasalada>.

Clarissa: Geralmente, um item básico que define uma obra como “ficção científica” é uma atmosfera de estranhamento do cotidiano. Você reconhece isso em *Cosmoverse Arkestra*? Essa “atmosfera de estranhamento” é familiar para você?

Transälien: Essa atmosfera de estranhamento na verdade faz parte da minha vida. É quem eu sou. Eu sinto esse estranhamento. Eu sinto estranhamento em todos os instantes da minha vida enquanto um corpo estranho, um corpo estrangeiro. A própria idealização do conceito Transälien, da identidade Transälien, parte desse princípio. De um alienígena e uma transexual em fusão. Porque é isso, minha vida parte dessa perspectiva, desse estranhamento que o meu corpo causa ao mundo, a quem me vê de fora. Então, digamos que a minha vida é uma ficção científica baseada em fatos reais.

Clarissa: No final do filme lemos frases como “*a safe place does not exist*” e “*the only place is my space*”. Estas frases, bem como o título do filme, me lembraram a obra de Sun Rá e sua Arkestra. Existe um diálogo com o afrofuturismo em seu filme? Se sim, como essas referências estão presentes?

Transälien: O próprio título já faz uma referência direta ao Sun Rá. Sem dúvidas, o afrofuturismo é um conceito que me permeia e me contempla. Existe uma nomenclatura com que a Joba Mombaça costuma se referir a algumas pessoas, eu sou uma delas, que ela chama de ancestral do futuro, por possuir tanto uma sabedoria ancestral, quanto um ímpeto futurista e a frente do tempo. Eu sinto isso muito em mim, eu vivo isso. Então, afrofuturismo é algo que, naturalmente e organicamente, tá em em tudo que eu faça, tá na minha respiração, tá em cada partícula do que eu sou, em como me expresso.

Uma das coisas que eu falo desde que me entendo enquanto criatura é que eu fui aprendendo as coisas no fazer. Sendo para depois entender e conceitualizar essa minha existência que é tão peculiar. Então, antes de entender o que era afrofuturismo, eu já vivia isso, sabe?! Foi um conceito que me ajudou a me compreender um pouco mais. Existe um livro chamado *Antropologia do Ciborgue* do qual me identifico muito. Novamente, coisas que vou encontrando no percurso que vão ajudando a entender um pouco mais sobre mim mesma. Costumo dizer que a experiência intracorpórea é incomunicável, ou seja, eu já sentia tudo, mas não conseguia pôr em palavras. O conceito de afrofuturismo e das obras afrofuturistas me ajudaram a me compreender enquanto uma criatura que faz o que faz e existe, mas que nada disso vem de agora. Existe uma linhagem muito anterior a mim e eu sou a continuação dessa linhagem.

Clarissa: Ao longo do filme, um turbilhão de imagens e sons, muitas vezes desconfortáveis, nos atingem. A câmera está fixa em um ponto, e isso me causou uma sensação um pouco familiar: algo entre uma viagem dissociativa, perda do ego e paralisia do sono, como se eu apenas observasse o que acontece sem necessariamente sentir o meu corpo. Mas aí algo acontece. Você aparece em um close, com o torço nu, e uma pergunta surge sobreposta: “*can you hear the sound of my body?*”. Um convite para respirar. Na

verdade, um convite para acompanhar o som da sua respiração. Você poderia falar sobre o torço nu e a respiração? Eu senti ambos como uma dádiva, um presente, um vislumbre de um mundo desejado.

Transälien: A escolha por não falar no filme partiu de uma pesquisa que eu estava fazendo na época sobre comunicação sensorial, comunicação não limitada, por entender que as palavras trazem consigo definições e, por isso, limitam o sentido das coisas. Sou um ser que se propõe a ser indefinível, indecifrável, então quis trazer essa experiência no filme. Causar sensações através das minhas inquietações e deixar as interpretações abertas. Para mim, o filme retrata dois momentos: o primeiro é sobre a minha inquietação ao estar prestes a sair de casa, por isso a nudez. Hoje em dia é menos frequente, mas muitas vezes eu simplesmente tentava sair de casa e não conseguia. Meu corpo, minha performatividade, me gera muitos conflitos na rua. Justamente por ter uma presença que é tão latente, tão gritante em qualquer lugar que eu esteja, sair muitas vezes é algo difícil pra mim, porque eu sei que eu vou passar por situações muito peculiares a minha existência. Porém jamais abriria mão de ser eu mesma em máxima potência. Então, nessa parte do filme quis trazer uma sensação sufocante. O segundo momento é a transcendência do estado de contemplação de si mesma, da solitude, algo que falo bastante a respeito. Sobre estar plena e confortável consigo mesma, dançar sozinha no quarto, enfim, gozar da própria existência, com a própria companhia. Aqui, trago um estado transcendental, contemplativo, atmosférico. Meu quarto é o meu universo, minha casa é o meu ninho, meu corpo é o meu templo. Então, não preciso de mais nada externo, para me satisfazer. Tudo está dentro.

A respiração, na verdade, é um convite à contemplação da própria existência. A estar consciente e satisfeita consigo, uma vez que a sociedade e o mundo nos dizem o tempo inteiro o que devemos ser, como devemos nos portar, como devemos falar, sentir. Você precisa! Você precisa! Você “tem que” isso ou aquilo. Às vezes, a gente acaba esquecendo de se ouvir e vai se perdendo nesse processo. Acredito que essa, talvez, seja a maior problemática e angústia que o ser humano pós-moderno atravessa: distanciar-se de si mesmo, diante a tantas vozes ditadoras. Cada pessoa sabe o peso que carrega, né?! Inclusive, isso me recorda uma conversa que tive logo no início da quarentena com a Linn da Quebrada, onde ela desabafou que mesmo nesse momento as pessoas não paravam de cobrar produção, conteúdos, entregas e, por isso, estava se sentindo exausta. As pessoas estão sempre querendo e demandando muito de nós. Então falei: “amiga, só o fato de estarmos respirando, vivas, já é muito! É um trabalho em tempo integral só pelo fato de existirmos, precisamos permitir que isso seja o suficiente pra gente.” Resumindo, a respiração é um simples convite à liberdade de ser quem se é através das nossas próprias diretrizes.

Clarissa: A última coisa que vemos no filme é a frase “use sempre a máscara”. Você poderia falar um pouco sobre essa escolha?

Transâlien: Eu comecei a usar máscaras a partir de 2014, quando entendi esse artefato enquanto um dispositivo de libertação e transmutação para minha existência, uma vez que sempre fui muito camaleoa, que nunca estava satisfeita com a monotonia da genética, por achar que a vida é muito curta para estarmos satisfeitas com o que nos é entregue. O nosso corpo é o resultado do DNA dos nossos pais, da nossa árvore genealógica, não é algo necessariamente “conquistado”. Hoje posso dizer que conquistei o meu corpo, a minha imagem e que essa imagem se transconfigura na medida em que eu sinto e preciso mudar, o que é muito recorrente [risos]. Então, com as máscaras eu me refaço infinitas vezes através da minha estética. Não é sobre esconder, mas sim sobre revelar. Revelar o que está dentro de mim. Diante desse contexto de pandemia foi muito loloki ver o mundo inteiro usando as máscaras enquanto um dispositivo de proteção, que também possui esse sentido pra mim desde sempre. Entendo as máscaras, a minha corporeidade e performatividade enquanto uma armadura também, que visto pra enfrentar a guerra que é o mundo, as ruas. Eu preciso me “armar”, do meu jeito, para poder me proteger das violências. As pessoas não podem atingir aquilo que elas não conseguem ler. Então, elas podem tentar furar a minha carapaça, mas não conseguem acessar o meu âmago, porque elas sequer sabem o que é. Esse é o meu ataque e, também, a minha defesa. Quando vi todo mundo na rua usando a máscara foi uma sensação indescritível. Sinto que não há mais volta quanto a compreensão delas. Eu, inclusive, que já fui privada de entrar em espaços institucionais, públicos até, por conta da máscara, ir em 2020 nesses mesmos espaços e ver lá que era obrigatório usar as máscaras para entrar neles, foi mágico [risos]. Vi a minha utopia se tornar real. Agora vocês sabem, um pouco, o que eu vivo constantemente. Era sobre isso o tempo inteiro. A máscara é o grande artefato da nova geração pós-pandêmica.

Clarissa: Nos conhecemos nas festas e sempre fiquei muito impressionada com suas performances. Gostaria de te ouvir um pouco sobre como foi ter trabalhado nessa mídia que é o vídeo, o audiovisual. É diferente da performance? Quais as potências que você vê em realizar um filme? E você tem intenção de fazer outros?

Transâlien: Eu já havia trabalhado outras vezes em audiovisual, publicidade, alguns curtas, mas essa foi a primeira vez que fiz algo inteiramente autoral de fato. Pra mim não houve muita diferença com relação à performance, porque foi como um registro da performatividade que é a minha vida, que é o meu corpo vivendo. Então foi mais um registro muito orgânico desse processo. Inclusive, nem houve uma roteirização prévia. deixei fluir. Eu sabia o que eu queria na minha cabeça falar com o filme, mas quanto às cenas, as imagens, eu apenas deixei fluir organicamente. E com certeza quero fazer mais, foi só o começo. Inclusive, tem alguns outros projetos que já havia iniciado anteriormente, mas que ainda não consegui finalizar, tô sempre aberta a novos desafios. Como boa ariana, não posso ver um desafio que já me joga! Vou lá e faço. Então, é sobre isso.